



ESTUDO DIRIGIDO PSI

GRUPO BAREMBLITT

Profa: Flaviany Ribeiro

Baremlitt, G. "Grupos: teoria e técnica", Ed.Graal IBRAPSI, RJ, 1986

ORIGEM DO TRABALHO COM GRUPOS

Médico americano **Joseph Pratts (1905)**, reunia seus pacientes com tuberculose em grupos



sessões de troca de experiências e algumas modalidades de recompensas diante dos pacientes que apresentassem satisfatória adesão ao tratamento.

Ainda não existia o termo "psicoterapia de grupo" que só viria a ser elaborado na **década de 1930** por **Moreno**

Moreno é considerado o primeiro a ter sistematizado uma técnica de psicoterapia com grupos: o **Psicodrama**.

Essa técnica pode ser considerada um **teatro terapêutico** onde os participantes eram convidados a realizar esquetes onde desempenhavam papéis que os permitiam expressar conflitos subjetivos e/ou intersubjetivos.

Seu objetivo era unir a palavra a ação e, assim, tornar mais efetiva a catarse do processo terapêutico.

Um outro autor considerado uma referência na história das técnicas de trabalho com grupos é **Kurt Lewin**:

1944 - **teoria de campo** (campo de forças) e a **teoria da dinâmica de grupo** (grupo não é apenas um conjunto de pessoas, envolve interação dinâmica)

TEXTO 1 - NOTAS ESTRATÉGICAS A RESPEITO DA ORIENTAÇÃO DA DINÂMICA DE GRUPOS NA AMÉRICA LATINA

→ A dinâmica de grupo dispõe de três principais áreas de geração e ação:

- (1) medicina (na qual as técnicas de dinâmica grupal são empregadas com finalidades psicoprofiláticas e psicoterapêuticas).
- (2) pedagogia (procedimentos grupais de ensino).
- (3) sociologia (psicossociologia dos pequenos grupos na indústria e no comércio, na comunidade, etc).

→ Quanto às fontes teóricas e epistemológicas, podem possuir base:

- (1) **Psicanalítica** (tão diversa quanto a própria escola: Freud, Lacan, M.Klein, Junguiana...)
- (2) **Fenomenológica-existencial** (Sartre, Merleau-Ponty, etc)
- (3) **Psicodramática** (cujo pilar central é sem dúvidas Moreno).
- (4) **Empirista, pragmatista** (que reúne a pedagogia democrática de Dewey com o comportamentalismo social de Mead)
- (5) **Gestaltista**, sendo seu representante principal Kurt Lewin

O autor destaca ainda, o surgimento das correntes de **psicoterapias institucionais** e **psicoterapias de massa**

Na história das técnicas grupais, após um período inicial de psicoterapia **PELO** grupo (uso de mecanismos de sugestão, identificação tipo AA),



paulatinamente foi se impondo uma modalidade de psicoterapia **NO** grupo (isto é, psicanálise individual de cada membro na presença dos demais),



até se generalizar, nos ambientes de usuários, a psicoterapia **DO** grupo (psicanálise do inconsciente grupal, composto de aspectos concernentes ao grupo enquanto unidade).

Até o início da década de **1980**, ocorreu um **crescimento significativo da demanda dessa modalidade terapêutica**, algumas CAUSAS:

- transformações na produção de necessidades e demandas;
- aumento dos padrões de consumo;
- aumento do poder aquisitivo das camadas baixas e médias da pequena-burguesia e do proletariado urbano;
- explosão demográfica e migrações do campo para a cidade;
- tecnologização geral da luta de classes;
- crise das ideologias religiosas, rituais e valores em geral;
- crise institucional da família nuclear burguesa;
- impessoalização geral das relações sociais;
- crescimento da subversão, marginalidade e delinquência;

- Críticas às psicoterapias de grupo – destaca duas:

1. J. B. Pontalis: **A única teoria “aproveitável” sobre os grupos provém de Freud** (em Psicologia de Grupo e Análise do Ego) e “toda compreensão do que acontece num grupo requer a localização deste no tecido da sociedade e uma articulação entre as estruturas desta e as estruturas inconscientes descobertas pela psicanálise”. **Questiona, enfim, se o grupalismo não é uma mera resposta à demanda social, voltando, uma vez mais, sua crítica na falta de critério teórico** para a dinâmica grupal.

2. R. e F. Castel e A. Lowell coloca a dinâmica grupal no quadro da estrutura e processo sócio-político-econômico-ideológico norte-americano. Emprega **mecanismos de controle social**: dispositivo médico-psicológico de vigilância, preservando a ordem instituída, empregando uma **forma sutil de violência compatível com a lógica do mercado**.

Estes autores identificam objetivos revolucionários nas diversas correntes grupalistas (tais como ser contra o uso de categorias diagnósticas, contra normalização de comportamentos, contra o emprego de procedimentos repressivos, etc), **entretanto** mostram como no final das contas acabam se ajustando e cedendo as sobredeterminações sociais predominantes.

TEXTO 3 - PROJETO DE TRABALHO SOBRE O CONCEITO DE GRUPO NA OBRA DE GUATTARI E DELEUZE

- Pensar no efeito terapêutico do trabalho institucional, rompendo com as ideias asilares e do contratualismo psicanalítico;
- Analisar o coletivo como resultado das forças grupais e agente da tessitura institucional;
- Estas noções citadas anteriormente nasceram no contexto da chamada PSICOTERAPIA INSTITUCIONAL. (Movimento Psiquiátrico surgido após a II Guerra Mundial, reunindo críticas às estruturas dos antigos manicômios franceses. Destaque das figuras de Tosquelles, o próprio Guattari, dentre outros)

→ Tal corrente concebe o efeito terapêutico como efeito institucional e não como ato (médico ou psicanalítico) cronometrado e localizado.

→ A função de “analisador” não é fixa, pode ser exercida por qualquer membro ou grupo da instituição.

Guattari sobre a análise institucional: “o grupo é depositário e enunciador de toda linguagem e de toda eficiência dos enunciados”

Conceito de transversalidade: “entrecruzamento de redes significantes”

Grupo-sujeito (abertos, confrontação com seu próprio sentido)

X

Grupo-submetido (fechado, se dobra sobre si mesmo, se imagina único e imortal)

O grupo-sujeito existiria então graças a uma zona intermediária de simbolização e produção, de questionamento do instituído, de formulação de alternativas, de transformação.

Ao contrário do grupo-submetido que ficaria numa posição de demanda frente a um objeto instituído em que depositaria sua própria onipotência.

→ O trabalho de Guattari funciona no limite do discurso psicanalítico uma vez que pretende conectar **aparelho psíquico, instituição e história**.

TEXTO 6 - PARA UMA REFORMULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA GRUPAL

Grupos podem ser de diversos tipos, com inúmeros temas: psicanalíticos, psicodrama, gestálticos, etc.

Crítica às ideologias grupais e à profusão de técnicas que estejam a serviço da reprodução ideológica.

A IDEOLOGIA DE GRUPOS É INDIVIDUALISTA: Observa que um certo número de autores entende o processo grupal como um movimento para 'o um', indivisível, como se o grupo constituísse uma unidade. Em diversos momentos, autores consideram o grupo como um paciente, constituindo o movimento conhecido como "psicoterapia do grupo".

Outra noção que a ideologia dos pequenos grupos difundiu é a de **esteriótipo** - colocando em cena seu conflito o cliente ilumina suas dificuldades e se desfaz de seus papéis doentios apreendendo novos modelos de comportamento.

A EFICÁCIA NOS GRUPOS:

- **Nos grupos se operam modificações.**
- Um dos poderes fundamentais é o **catártico**.
- Um dos artifícios principais é, através dos egos auxiliares, o **ensino de modelos de comportamento**.
- Instrumento **Imagem de grupo**: o grupo se faz interno, ou seja, o instrumento imagem de grupo conduz os participantes a acomodarem-se às noções que eles mesmos ditaram. **O verdadeiro sustento é feito pelos supostos básicos: de dependência, de ataque e fuga e de emparelhamento.**
- A **promoção imaginária**: A vida nos grupos completa sua circulação mediante a ilusão que vão se fazendo de que seus integrantes vivem através dos mecanismos já descritos de um ego individual.

CONSEQUÊNCIAS: crescimento das técnicas de trabalho com grupos, **ideologizando essa prática e tamponando os espaços de questionamento.**

“o que se faz socialmente quando se instituem grupos?”

Sua resposta é que há uma **obturação** da função **desejante do sujeito**, e a **produção daquilo que Guattari chamou de “grupos submetidos”**.

PROPOSTA:

Crítica à prática ideológica sempre velada e tingida de cientificidade.

- Contribuição da análise institucional francesa;
- A psicanálise, o materialismo histórico, a semiótica e a epistemologia materialista;
- Revisão dos textos sobre o aparato psíquico grupal (René Käs e Didier Anzieu).

TEXTO 8 - SÍNTESE CRÍTICA DA TEORIA DOS GRUPOS EM GEORGES LAPASSADE

Há uma **relação de interdependência** entre os conceitos de grupo, de organização e de instituição. (3 níveis de realidade institucional)

- **O primeiro** nível é o do GRUPO: unidade de base da vida cotidiana (ex: as oficinas, escritório, a escola...). É nesse nível que se situa a prática socioanalítica e a intervenção. Na base da sociedade, as relações humanas são regidas por instituições: horários, ritmos, normas de trabalho, sistema de controle cuja função é manter a ordem, organizar o aprendizado e a produção.
- **O segundo** nível é da ORGANIZAÇÃO: **grupo de grupos**, que constitui a mediação entre a base (sociedade civil) e o Estado. (ex: fábrica, indústria, empresa, universidade, etc). Nível de organização burocrática.
- **O terceiro** nível é o da INSTITUIÇÃO: **É o nível da representação da instituição, o Estado (que faz a Lei e confere às instituições força de lei).**

Lapassade: “O sentido do que se passa nos grupos humanos não devem ser buscadas apenas no que aparece no nível visível, do que se chama a dinâmica de grupo. Há uma dimensão oculta, não analisada, e portanto, determinante: a dimensão institucional

Análise Institucional - o método que visa revelar, nos grupos, esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento.

A vida do grupo constitui-se de uma tensão permanente entre dois pólos extremos: **serialização e totalização**.

(a série é uma forma de coletivo que recebe sua unidade a partir do exterior. Um conjunto humano sem unidade interna, como por exemplo um conjunto de pessoas dentro de um ônibus).

O grupo se constitui em oposição à **serialidade**.

A **totalização** se constitui, portanto, na quebra da serialização, quando o grupo se funde.

A prática de grupo se transforma em instituição quando o grupo se torna impotente para modificá-las sem subverter a si próprio.

Na instituição as tarefas e funções cristalizam-se em obrigações. Surge a figura do poder, a autoridade de comando. O consenso entre o grupo se torna desnecessário, visto que já está tudo estabelecido.

Instaura-se a burocracia e o grupo perde a vida e volta à serialização

Instituição: noção central para Lapassade. Definida como “forma que assume a reprodução e a produção de relações sociais num dado modo de produção”.

É o “inconsciente político da sociedade”.

- 3 momentos teoricamente articulados:

- Instituído (burocracia, acabado ou cristalizado);
- Instituinte (ação dinâmica e transformadora das massas contra a ordem instituída);
- Institucionalização (formas sociais institucionalizadas são resultantes da luta entre instituído e instituinte, identificadas com a racionalidade e funcionalidade).

- Objetivos da Análise Institucional: deve procurar explicar o desconhecimento pelos seus membros do sentido estrutural de seus atos, de suas motivações, opções, preferências, no desconhecimento de sua posição de classe.

Libertando as forças criativas e espontâneas do instituinte, através da introdução de práticas auto-gestionárias. Ainda tem como objetivo a análise da “transversalidade” no grupo e a elucidação da “transferência institucional”.

-Objeto da Análise Institucional é o **conflito**, a luta entre instituído e instituinte (considerada como o centro de todo movimento revolucionário e de transformação radical das instituições).

Ideia central de **autogestão: liberação efetiva das forças instituintes.**

Texto 9 - DIDIER ANZIEU: NOTAS PARA UMA LEITURA DE SUA TEORIA SOBRE GRUPOS

Compreensão psicanalítica de grupo.

Parte da ideia de que em **toda situação grupal os processos e instâncias psíquicas** são as mesmas que na individual, **mas com princípios de funcionamento diferentes.**

Grupo como realização imaginária dos desejos (como o sonho). Grupo é o lugar do perigo (pulsão), da transgressão “autorizada”.

Nele as ações correspondem aos deslocamentos, condensações e figurações simbólicas do desejo. **Lida com fantasmas inconscientes e com as mesmas pulsões que o sonho (libidinais e agressivas).**

Vida psíquica do grupo – 3 organizadores:

- Fantasma individual prevalecente de um dos membros;
- Imagem parental dos integrantes;
- Fantasmas originários.

→Psicanálise institucional: encontrar os modos específicos de organização fantasmática nas instituições sociais. Cada realidade deve ser estudada segundo sua própria ordem, **sem psicologizar a vida política, econômica e social.**

Em *Totem e Tabu*, Freud nos mostra que por intermédio do inconsciente a humanidade transmite suas leis sociais. Compreende-las é compreender como funcionam as ideologias, como adquirimos e vivemos as leis, qual a representação da sociedade, como se reproduz cultura

Texto 10 - CONCEITO DE GRUPO EM GRINBERG, LANGER E RODRIGUÉ

Importantes psicanalistas que foram responsáveis por formar primeiros terapeutas de grupo na América Latina.

Grinberg, Langer e Rodrigué consideram que a psicanálise contribuiu para a solução do dualismo indivíduo-sociedade. Constatação da importância do “meio-ambiente” para o desenvolvimento do sujeito e a introdução do modelo teórico do superego

Distinguem dois métodos psicológicos: o pessoal (introspectivo, relacionado à compreensão intelectual-consciente), e o psicanalítico bi-pessoal.

Colocam a psicoterapia de grupo como uma terceira proposição desenvolvida a partir das noções da psicanálise e da sociologia e que se ocuparia das relações multipessoais grupais.

O grupo psicológico é aquele no qual seus membros estabelecem uma interação precisa e sistemática. “As pessoas se conhecem e se identificam, possuem uma percepção coletiva de sua unidade”. A estruturação e organização desse grupo se dá pela convivência, o grupo é vivido como um contexto.

→ Os mesmos elementos levados em conta na psicoterapia individual são consideradas no grupo:

Interpretação no grupo: muito mais ligada aos papéis representados do que aos próprios sujeitos, a articulação desses papéis constituiria a fantasia básica inconsciente de grupo.

Atuação terapêutica de grupo: quando os sintomas são suprimidos e é facilitada a adaptação e integração do grupo na sociedade

→ O grupo cria um sistema de papéis e em cada um deles condensam-se estereotípias (expectativas, necessidades e crenças irracionais).

→ Distinguem **três modelos de psicoterapia de grupo**:

Pelo grupo: influência das emoções coletivas sobre os indivíduos (Ex: AA)

No grupo: psicoterapias (interpretações) individuais em grupo

Do grupo: grupo como unidade dinâmica totalizada, complexa interação de forças.

→ Grinberg, Langer e Rodrigué recomendam uma participação ativa do psicoterapeuta e a interpretação sistemática das fantasias inconscientes, em função dos papéis vividos pelo grupo.

→ **GRUPO TERAPÊUTICO**: se constituiria por sujeitos que se reúnem em comum acordo, compartilhando normas e com o objetivo de cura.

RESTRIÇÕES:

(1) casos de depressão grave e das personalidades psicóticas;

(2) limites para a cura, em função das características institucionais.

- Questão da demanda: entendendo que o trabalho com grupos é uma ação social, seria necessário estender os recursos psicanalíticos a um maior número de pessoas.
- O psiquismo, é verdade, contém um modelo grupal, mas as leis de funcionamento de grupo **não** são as mesmas daquelas existentes no sujeito.
- Rodrigué propõe o desenvolvimento de um perfil de analista de grupo capaz tanto de teorizar seu trabalho como de usar técnicas corporais.

Todos os seguimentos da sociedade são abordáveis em termos psicanalíticos e todas as instituições objeto de intervenção, pois todos eles possuem uma determinação inconsciente .

Texto 11 - BION: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS GRUPOS

→ Bion supõe que todo conhecimento se origina em experiências primitivas de caráter emocional, em relação à ausência do objeto.

→ Bion distingue **dois significados da terapêutica de grupos:**

(1) catarse da confissão pública.

(2) “bom espírito do grupo”, que ocorre quando há um propósito comum e o reconhecimento por parte do grupo de seus limites.

→ **IMPORTANTE PARA UM BOM RESULTADO DO GRUPO:**

- Manter sua identidade grupal;
- Reconhecer o valor dos subgrupos e os limites destes;
- Valorizar os membros;
- Não exclusão do campo social onde o grupo se insere, quando se pretende uma análise psicopatológica das relações grupais;
- O objeto de estudo dos grupos é a investigação dos fenômenos que produzem perturbações no comportamento dito racional do grupo.

MENTALIDADE GRUPAL: fenômeno em que o grupo constitui um vínculo através do qual os sujeitos expressam anonimamente impulsos e desejos que pretendem satisfazer, mas pelos quais não querem assumir a responsabilidade

→ O grupo, segundo Bion, tende a constituir-se com **líder** e **seguidores**. O líder responderia na fantasia grupal ao elemento que iria atender a cada necessidade individual.

→ **Valência**: capacidade do sujeito combinar-se com outros.

→ Elementos subjacentes à cultura de um grupo: **conjugação, luta e fuga, dependência**. Todos pressupõem a existência de um líder.

- **Grupo de dependência**: quando predomina no grupo o pressuposto de dependência. Jogo em que o terapeuta é o líder revestido de poderes mágicos e onipotentes, que irá satisfazer todas as necessidades e desejos do grupo. Predomina a culpa e a depressão. Exemplo: Na sociedade = Igreja
- **Grupo de luta e fuga**: baseia-se na convicção de que existe um inimigo e que é necessário atacá-lo ou fugir dele. Ocorreria o receio do grupo de se constituir como tal e o perigo de morrer uma vez que construído. Predomina a ira e o ódio. Ex: Na sociedade = Exército
- **Grupo de conjugação (ou acasalamento ou emparelhamento)**: contém a esperança de vir a ter um salvador. O grupo nega seus conflitos e dificuldades internas, racionalizando sobre eles. Ideia de futuro para o grupo. Ex: Na sociedade = Aristocracia

Ilusão da individualização: O grupo passa a ser um, porque é visto como se fosse um sujeito.

Texto 12 - O GRUPO, COMO O ENTENDE BAULEO

Se situa entre os mais expressivos discípulos de Pichon-Rivière.

→ Aspectos mais importantes da abordagem de Bauleo:

Abordar o grupo operativo de uma maneira mais extensa entendendo-o como um lugar de “**aprender a pensar**” e da rejunção afeto e racionalidade.

Compreender psicologia social como a ciência responsável por fornecer materiais que possibilitem a transformação do sistema vigente.

O GRUPO OPERATIVO: O grupo operativo é um grupo de aprendizagem. É um novo espaço didático. O que implica falar em informação, emoção e produção: giram em torno da ideia de mudança.

Passa por três fases:

- (1) indiscriminação: situação nebulosa em que objetivos, tarefa e papéis não estão claros;
- (2) diferenciação: esclarecimento dos papéis;
- (3) síntese: momento de produtividade, de insight.

O vínculo com o coordenador e com o grupo envolve duas situações importantes:

- apropriação do produto
- problemática do luto

Texto 13 - O GRUPO OPERATIVO DE PICHON-RIVIÈRE

A teoria e técnica de grupos operativos foi desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière

○ **fenômeno disparador da técnica de grupos operativos** foi desenvolvido após uma greve no hospital psiquiátrico De Las Mercedes, em Rosario. Para superar aquela situação crítica, Pichon-Rivière colocou os pacientes menos comprometidos para assistir aos mais comprometidos. Observou que ambos os subgrupos apresentaram significativas melhoras de seus quadros clínicos.

Estudou os fenômenos grupais a partir dos **postulados da psicanálise, teoria de campo de Kurt Lewin, sociometria moreniana George Mead e da teoria de Comunicação e Interação.**

Esta epistemologia convergente (convergência das teorias) constituiu-se nos fundamentos da teoria e técnica de grupos operativos – na construção de um instrumento único:

Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO).

Grupo operativo: técnica de trabalho com grupos cujo objetivo é promover, de forma econômica, **um processo de aprendizagem**.

Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma apropriação ativa desta realidade. Uma atitude investigadora, na qual cada resposta obtida se transforma, imediatamente, numa nova pergunta.

→ Vínculo: estrutura psíquica complexa. Tem um caráter social, pois compreende que, **mesmo quando duas pessoas se relacionam, há entre elas outras figuras internalizadas**, que estão presentes nessa relação, tendo dessa forma uma **estrutura triangular, bi-corporal e tri-pessoal**.

Estrutura Triangular: há sempre alguém na mente de um ou outro que está olhando, vigiando e corrigindo; algo que funciona como uma escala de valores onde a sinalização é interna e determina que a comunicação seja distorcida (expressa os transtornos e dificuldades do grupo para enfrentar a tarefa).

Vínculo: processo motivado que tem direção e sentido.
**Identificamos se o vínculo foi estabelecido, quando somos internalizados pelo outro e internalizamos o outro dentro de nós.
Quando ocorre uma mútua representação interna**

Cada pessoa se relaciona de acordo com seus modelos inaugurais de vinculação, de acordo com suas matrizes de aprendizagem, e tende a reeditar esse modelo em outras circunstâncias, sem levar em conta a realidade externa, o inusitado, repetindo padrões estereotipados, resistindo ao novo.

O grupo operativo é composto por:

Integrantes: entram em tarefa por meio de um disparador temático, a partir do qual, o grupo passa a operar ativamente como protagonista. O grupo deve saber, a priori, as normas básicas do funcionamento do grupo. Local, horários, coordenador e observador. Esses limites funcionais constituem-se no enquadre grupal.

Coordenador: é sua competência facilitar o processo, na medida em que cria condições para comunicação e diálogo e auxilia o grupo a elaborar os obstáculos que emergem na realização da tarefa.

Observador: é um co-pensar silencioso, que por sua distância ótima do grupo, tem uma percepção global do processo. Registra, graficamente, as comunicações verbais e gestuais dos integrantes e do coordenador, a fim de auxiliá-lo na elaboração da crônica devolutiva do trajeto percorrido pelo grupo.

A técnica de grupos operativos pode ser utilizada em diversos contextos: com adolescentes, familiares, grupos de terceira idade, grupos de trabalhos, grupos de egressos, grupos de pais, grupos teatrais, grupos esportivos, etc., desde que seus integrantes estejam centrados na tarefa.

(O grupo operativo está centrado na tarefa).

→ Tarefa – Pré-Tarefa – Projeto: princípio organizador de grupo

Pré-Tarefa: é o obsolentismo dinâmico (movimento que aparentam ação, mas na realidade são realizados para impedir a mudança), isto é, é quando as atividades, permeadas pelos medos básicos, determinam a utilização de técnicas defensivas que estruturam a resistência à mudança.

Os medos básicos são:

Medo da perda: de perder o já estabelecido, o conhecido (ansiedade depressiva).

Medo do ataque: "Medo de como ficarei numa situação não conhecida, como darei conta "do que está por vir a ser... mas ainda não é" (ansiedade paranóide).

Tarefa: O processo de elaboração da resistência, das ansiedades, gerado pelos medos básicos, a emergência da posição depressiva.

Quando o grupo aprende a problematizar os obstáculos que emergem na concretização de seus objetivos dizemos que entrou em tarefa, e, ao elaborar um projeto viável, com estratégias e táticas, intervindo nas situações, operando mudanças, o grupo está a caminho do projeto.

Tarefa grupal: processo de compartilhar necessidades em torno de objetivos comuns. Nesse processo emergem obstáculos de várias naturezas: diferenças e necessidades pessoais e transferenciais, diferenças de conceitos e marcos referenciais e do conhecimento formal propriamente dito.

Tarefa do terapeuta: esclarecer os conflitos que existem entre os integrantes do grupo, evitando que sejam depositários da ansiedade do grupo, assim como o enfermo mental é o depositário da enfermidade do grupo familiar.

→ Papel e Liderança : cada integrante constrói seu papel em relação aos outros, assim, entre papel prescrito e papel assumido, o grupo se articula e desta surge a característica de cada integrante. São quatro os papéis:

Porta-voz: depositário da ansiedade grupal;

Bode expiatório: depositário de todas as dificuldades do grupo e culpado de cada fracasso;

Líder:

Autocrático: técnica rígida, diretiva, favorece o estereótipo de dependência a serviço do *status quo* da enfermidade e da resistência à mudança;

Democrático: espiral permanente, forma uma unidade de alimentação e realimentação (feedback);

Laissez-faire: delega ao grupo sua auto-estruturação, assumindo, parcialmente, sua função de análise e orientação da ação;

Demagógico: impostura – de estrutura autocrática, mostra uma aparência democrática e laissez-faire, caindo em contradição.

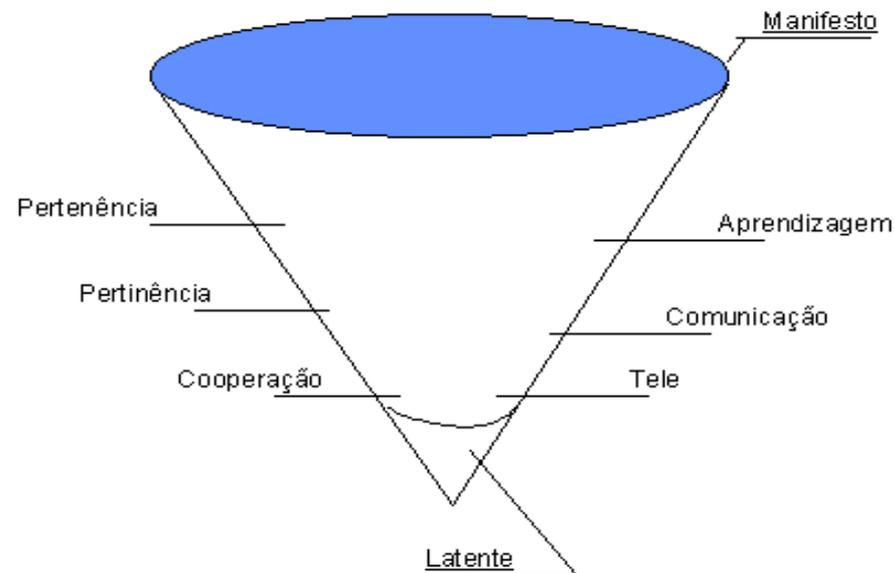
Sabotador e bobo do grupo: depositário das forças que se opõem à tarefa (conspirador). Mecanismo de segregação surge como ameaça ao grupo e implica numa fracassada distribuição das ansiedades e dificuldade para enfrentar situações de mudança.

→ ECRO Grupal: esquema conceitual referencial e operativo – cada integrante leva ao grupo um esquema de referência e sobre a base do denominador comum destes sistemas se configurará as voltas em espirais.

ECRO grupal é instrumental e operativo no sentido que a aprendizagem do grupo se estrutura como um processo contínuo e com oscilações, articulando os momentos do ensinar e do aprender que se dá no aluno e no professor como um todo estrutural e dinâmico.

A operação final, em relação à tarefa proposta, é a mudança.

→ CONE INVERTIDO: é um esquema constituído por vários vetores e que se fundamenta na operação no interior do grupo. Na parte superior (base) estariam os conteúdos manifestos, emergentes ou explícitos e, na parte inferior (vértice), os conteúdos universais latentes ou implícitos grupais. **A espiral representaria, graficamente, o movimento dialético de indagação e esclarecimento, do explícito ao que é implícito e atua ante os medos básicos subjacentes.**



O esquema de cone invertido é constituído por **sete vetores** de avaliação.

- **Afiliação**: **É um primeiro grau de identificação que os integrantes têm com a tarefa e com os demais integrantes.** O integrante se aproxima, com certo distanciamento, não se envolve de corpo inteiro.
- **Pertença**. Na medida em que o grupo se desenvolve, o vetor afiliação vai-se transformando em pertença. Há um maior grau de identificação e integração grupal permitindo a elaboração da tarefa. **É quando os integrantes superam as distâncias e "vestem a camisa"**. Percebem que o projeto lhes pertence, deixam de ser espectadores e passam a ser seus protagonistas. Pode ser vista no grupo pelo grau de responsabilidade com o qual os integrantes assumem o desenvolvimento da tarefa, o que permite elaborar estratégias/táticas/técnicas.

- Cooperação é uma contribuição ainda silenciosa à tarefa grupal. É a possibilidade dos integrantes assumirem e desempenharem papéis diferenciados. **Essa complementariedade consiste na capacidade de desenvolver papéis, não em uma superposição competitiva, mas em uma complementação mútua, intercambiável.** Há uma verdadeira rotação de papéis no interjogo grupal. Onde há o caráter interdisciplinar e a inter-relação do que se define por horizontalidade e verticalidade.
- Pertinência **é a centralização do grupo na tarefa.** A pertinência é positiva. É uma situação distinta da pré-tarefa, que, ainda que não seja tarefa, está a caminho dela e do projeto. Na pré-tarefa, o grupo trabalha as resistências à mudança; na tarefa vai trabalhar os medos básicos que alicerçam as resistências.

Comunicação, que pode ocorrer por distintas vias: verbal ou pré-verbal, gestual, por atitudes comportamentais, afetivas e emocionais. A comunicação entre os integrantes de um grupo operativo possibilita que o grupo construa um esquema conceitual, ao qual seus integrantes se referenciam operativamente.

Aprendizagem: que se desenvolve a partir das informações, em saltos de qualidade que incluem a tese, antítese e síntese (as fragmentações e as integrações). **É a mudança de quantidade para qualidade – mudança qualitativa e estrutural no grupo. Implica criatividade, elaboração de ansiedades e uma adaptação ativa à realidade.**

Tele: conceito moreniano. **Representa o clima em que se desenvolve o grupo;** disposição positiva ou negativa para trabalhar a tarefa grupal; é a aceitação ou rejeição que os integrantes têm, espontaneamente, em relação aos demais. São sentimentos de atração ou rejeição, portanto, tele positiva ou negativa. **Significa que toda situação de encontro é, por sua vez, um reencontro com figuras do mundo interno, da história dos integrantes, as quais se reeditam na nova situação.**

→ INTERPRETAÇÃO: A interpretação no grupo operativo segue o modelo de interpretação psicanalítica. Serão hipóteses. Toda interpretação é transferencial.

→ COORDENADOR E OBSERVADOR: O coordenador não está ali para responder as questões, mas para ajudar o grupo a formular aquelas que permitirão o enfrentamento dos medos básicos. Ajuda os membros a pensar, seu instrumento é a sinalização das situações manifestas e a interpretação da causalidade subjacente

O coordenador forma equipe com o observador: na forma tradicional de grupo operativo, é um observador não participante. Este ao mesmo tempo que serve de tela de projeção por sua característica de permanecer em silêncio, recolhe material expresso nos distintos momentos grupais. As notas do observador são analisadas logo em conjunto com o coordenador que com esses elementos pode repensar as hipóteses formuladas e adequá-las em função do processo grupal.

Texto 14 - HORIZONTALIDADE, VERTICALIDADE E TRANSVERSALIDADE EM GRUPOS

Qualquer análise que se faça sobre um grupo tem direta relação com o conjunto de instituições de nossa sociedade

- Grupo operativo: todo conjunto de pessoas, ligadas em tempo e espaço e articuladas por representações internas, se coloca explicita
- ou implicitamente uma tarefa (finalidade). Função essencial: aprender a pensar.
- Papel: modelos de conduta correspondentes à posição dos indivíduos na rede de interações. **Destaca três:**
 - porta-voz**: membro que em um dado momento denuncia o acontecer grupal
 - bode expiatório**: depositário dos aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa.
 - líder**: depositário dos aspectos positivos do grupo.

→ Epistemologia convergente: teoria aponta para uma visão integrada do homem em determinada situação histórica e social. Para tanto, articula conceitos da psicanálise, psicologia social, sociometria e, posteriormente, materialismo histórico. Convergência teórica é o substrato para a elaboração do ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) esquema de referência de cada membro do grupo.

→ Grupo deve elaborar duas ansiedade básicas para realizar tarefa - medo da perda (ans. Depressiva) e medo do ataque (ans. Paranóide) – que se conjugam configurando situação básica de resistência à mudança.

- Verticalidade: ligado à história pessoal do sujeito, pode ser entendido, por um lado, como a generalização ou a colocação na situação vincular grupal ou na dinâmica grupal das histórias individuais dos membros do grupo

- Horizontalidade: processo atual do grupo, conteúdos emergentes do grupo.

- Transversalidade: multiplicidade das determinações sócio-ideológico-econômico-sexuais. Supõe que a incidência do significativo social sobre o indivíduo se dê a todo momento e em todos os níveis.

Artigo: BRANDT, Juan Adolfo. *Grupos Balint: suas especificidades e seus potenciais para uma clínica das relações do trabalho*. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, jun. 2009

GRUPO BALINT

A categoria de análise central nesse grupo é denominada “Médico como droga”, que se relaciona ao médico como objeto bom ou objeto mau.

Os participantes devem relatar casos clínicos sem recorrer a nenhuma anotação, em associação livre de palavras, trazendo ao grupo a necessária riqueza de detalhes para esclarecer a situação, contexto, doença, transferência manifestada pelo paciente, envolvimento dos familiares e participações dos outros profissionais especialistas eventualmente consultados. Finalmente, devem trazer ao grupo seus sentimentos, reações e reflexões envolvendo esse atendimento, a contratransferência, como se estivessem em um grupo de supervisão.

Feito o relato, os participantes do grupo colocam interrogações e afirmações, propõem questionamentos, solicitam esclarecimentos, apresentam recortes de situações semelhantes vivenciadas por eles e debatem.

O conhecimento da situação relatada vai sendo ampliado, destrinchado, aprofundado, enquanto os participantes descortinam a situação médico-paciente-doença como um campo de análise.

Coerente em relação à sua prática na clínica individual, Balint se posicionava no grupo como em igualdade com os demais participantes, como alguém que nada sabe sobre o campo das relações e está a aprender também.

QUESTÕES

(FGV – Prefeitura de Recife- 2014) Michael Balint (1896-1970), psicanalista húngaro radicado na Inglaterra, contribuiu para o campo teórico da Psicanálise e desenvolveu o modelo de trabalho conhecido como Grupo Balint.

Esse modelo é focado em médicos e na relação médico-paciente, e tem o objetivo de:

- (A) criar um espaço terapêutico para ensino e discussões clínicas e diagnósticas entre médicos experientes e médicos residentes;
- (B) supervisionar médicos em formação psicanalítica através do estudo do fenômeno da transferência em pacientes psicossomáticos e poliqueixosos;
- (C) ensinar técnicas para cuidados paliativos e para a abordagem psicológica de pacientes em estado terminal e suas famílias;
- (D) encaminhar pacientes para os especialistas adequados, evitando o nomadismo médico que impede a consecução dos tratamentos;
- (E) buscar uma diferenciação na interlocução médico-paciente, através do desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade utilizadas como instrumentos de trabalho.(*)

(FGV – Funarte- 2014) O psiquiatra Enrique Pichon-Rivière (1907 – 1977) desenvolveu, com base em suas experiências profissionais com pacientes psiquiátricos, o conceito de Grupos Operativos, que se definem como grupos centrados na tarefa. O autor teorizou sobre os diferentes papéis que os participantes dos grupos podem assumir, entre os quais NÃO se encontra o papel de:

- (A) sabotador, membro que é o líder da resistência à mudança;
- (B) louco, membro que concentra os aspectos psicopatológicos do grupo ou da tarefa;
- (C) porta-voz, aquele que traduz através de sua fala e ações os sentimentos e as ideias que circulam no grupo;
- (D) líder, o depositário de aspectos positivos do grupo, que leva o grupo a buscar a mudança;
- (E) bode expiatório, membro que se faz depositário dos aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa.

Os pressupostos básicos subjacentes à cultura de um grupo, estabelecidos por Bion, citados por Maria Beatriz Sá Leitão em seu artigo, são:

- a) luta e fuga, paranóide e maníaco
- b) dependência, maníaco e esquizóide
- c) esquizóide, conjugação e depressivo
- d) conjugação, luta e fuga, dependência (*)

(UFPR- 2010) Pichon-Riviere, criador da técnica de grupos operativos, defendeu que o psicólogo social aborda questões fundamentais da relação entre constituição do sujeito e funcionamento grupal. Sobre a teoria e técnica de grupos operativos, é correto afirmar:

- A) Foi inicialmente desenvolvida junto aos trabalhadores rurais e denominou-se de experiência de Rosário.
- B) O objetivo do grupo operativo é lidar com as dificuldades de aprendizagem e comunicação que geram ansiedade. (*)
- C) Nessa técnica, a análise dos vínculos transferências deve ser evitada.
- D) A técnica está centrada no cliente.
- E) O coordenador deve utilizar-se de estratégias autocráticas de intervenção.

BONS ESTUDOS!



ESTUDO DIRIGIDO PSI